

“Esse corpo é meu?” *Corpos humanos nas/das Ciências*¹

*Geórgia de Souza Tavares*²

*Sílvia Nogueira Chaves*³

Resumo

A ciência, enquanto discurso socialmente aceito é um dos artefatos mais potentes na produção de verdades. Dentre as verdades por ela defendida e difundida estão as que marcam nossos corpos produzindo-os como objeto no entrecruzamento de diferentes campos disciplinares que vão da anatomia à estética, instituindo e alterando olhares e práticas ao longo da história. O presente artigo tem por objetivo revisar algumas obras importantes do campo da epistemologia da ciência percorrendo-as a partir das marcas que inscrevem na produção de nossos corpos.

Palavras-chave: Corpo humano. Conhecimento científico. Epistemologia.

1 Artigo apresentado à disciplina de Bases Epistemológicas do Ensino de Ciências e Matemática – PPGECM/IEMCI/UFPA

2 Licenciada e Bacharel em Ciências Biológicas – UFC; Mestre em Educação Ambiental – PPGA/FURG; Doutoranda em Educação em Ciências e Matemática – PPGECM/IEMCI/UFPA; Professora Assistente da Universidade Federal do Piauí – Parnaíba – UFPI/CMRV. E-mail: georgiatavares@ufpi.edu.br

3 Licenciada em Ciências Biológicas – UFPA; Mestre e Doutora em Educação – UNICAMP; Professora Adjunta da Universidade Federal do Pará – PPGECM/IEMCI/UFPA. E-mail: schaves@ufpa.br

"Is this my body?" Human bodies in/of sciences

Abstract

The Science as the socially acceptable discourse is one of the most powerful artifacts within the truths production processes. Amongst the truths defended and disseminated by the Science itself that are found, there are some that mark our bodies as produced from the result of the intersection between different subjects that ranges from Anatomy to Aesthetics, by establishing and changing our views and our practices throughout history. This paper aims to revisit some important works of the epistemology of science covering the discourse production that are 'written' in our bodies.

Keyword: Human body; Scientific knowledge; Epistemology

"¿Este es mi cuerpo?" Cuerpos humanos en/de ciencias

Resumén

La ciencia como discurso socialmente aceptado es uno de los artefactos mas potentes en la producción de verdades. Dentro de las verdades por ella defendidas y difundidas están las que marcan nuestros cuerpos produciendo los como objetos en el entrecruzamiento de diferentes campos disciplinares que van de la anatomía a la estética, instituyendo y alterando miradas y prácticas a lo largo de la historia. El presente artículo tiene por objetivo revisar algunas obras importantes del campo de la epistemología de la ciencia recorriendo las a partir de las marcas que inscriben en la producción de nuestros cuerpos.

Palabras-claves: Cuerpo humano; Conocimiento científico; Epistemología

Cabeça...

Quem é você?
 Hãh?
 Quem é você?
 Hãh?
 Este corpo é seu?
 Este corpo é meu?
 Eu sou você! Você e eu!
 Você não entende!
 Dentro dessa pele a gente esquece o que veste
 e o que já sentiu!
 Amanhã eu sou você!
 E você nunca existiu!
 Fernando Catatau¹

Quem somos? Algo nos define como “indivíduos singulares”? Nossos sobrenomes? O lugar onde nascemos? A estrutura de nossos corpos, com a presença (ou ausência) de órgão copulador externo? Ou ainda, a presença (ou ausência) de alguma síndrome descrita pela ciência médica? O que somos está determinado em nosso genoma? O que dirão sobre nós as respostas das perguntas acima? Temos um “lugar ao sol”, no “paraíso” esperando que caminhemos até lá? Existe um caminho? Somos algo definível, classificável? Ou inventamos continuamente o que somos a cada passo que damos?

Não é nossa pretensão responder essas perguntas, elas estão aí pra nos provocar constantemente... e esta é a proposta deste artigo, desencadear questionamentos nos leitores sobre quem somos, o que constitui nossa singularidade. Para isso, importa conhecer os discursos proferidos ao longo da história do conhecimento científico, marcando nossos pensamentos e verdades sobre nossos corpos. O recorte histórico é feito na perspectiva de que as decisões sociais, em teoria, são tomadas levando-se em consideração o conhecimento produzido na comunidade científica (outro ponto a nos questionarmos: por que confiamos tanto no “cientificamente comprovado”?)

Também sabemos que o currículo escolar é construído levando-se em consideração o modelo de sociedade que se pretende produzir e reproduzir. Então os conteúdos relacionados ao corpo humano expressam a verdade que circula fazendo ver e crer diferente em cada momen-

to histórico. A fragmentação do corpo, por exemplo, uma herança do pensamento cartesiano, repercute até o tempo presente no ensino escolar. Segundo Albuquerque (2005), um dos desdobramentos dessa perspectiva é a apresentação, desde o início da escolarização, das supostas partes que constituem o corpo humano, no âmbito do ensino de ciências se estendendo por toda a Educação Básica.

Para tratar desses e outros aspectos da temática “corpo humano”, o texto foi provocativamente dividido nas três partes, com que nos ensinaram a ver o corpo humano na escola. Traço recusado, mas não desconhecido, de toda nossa formação em espaços de ensino formais disciplinares, e de nossa vivência no ensino de ciências, quando aprendemos a ver um corpo cindido em “cabeça, tronco e membros”. Mas, como afirma Najmanovich (2002, p. 94), o corpo humano não é somente um corpo físico, uma máquina fisiológica, “é um organismo vivo capaz de dar sentido à experiência de si próprio: um sujeito corporificado – um corpo subjetivado”.

Está lançado o convite ao leitor, que se inspire a olhar para si como Palomar, personagem de Ítalo Calvino (CALVINO, 2004), que sempre olhava com respeito ao mundo, esmiuçava todas as sensações que vivenciava em seu cotidiano, sem, no entanto pretender aprisioná-las.

Tronco...

Quando você olhar para algum corpo
 Que não seja tão perfeito. Olhe direito!
 Pois cada olhar contém o seu defeito
 É estranho, né?
 Mas a realidade é que ninguém sabe
 O verdadeiro conceito de um preconceito
 Já imaginou? Se algum dia no final de tarde
 Alguém chegar do seu lado bem devagarzinho
 E lhe falar bem baixinho
 -Psiu, ei! -O quanto você é feio!
 Você vai chorar? Você vai cantar?
 Vai se rebolar ou pedir pinico?
 Não importa, pois o mundo não é perfeito
 E nós todos temos o direito
 De não sermos bonitos

Fernando Catatau²

Nós temos mesmo o "direito" de sermos o que queremos ser? Quem define esse querer? E quem nos concede esse direito? Como esses dispositivos nos marcam? O que deixamos (ou não) desencadear em nossas ações? Por que queremos tanto ser "perfeitos e bonitos"? A quem queremos agradar? Vale tudo pra ser aceito? Por nós ou pelo "outro"?

Diz um ditado que *"a única certeza que temos na vida é a nossa morte"*. Será? O ser humano foi construindo sua história entre a satisfação de suas necessidades biológicas, de seu corpo físico, e de suas necessidades cognitivas em dar um sentido para a sua existência. Em todas as sociedades formadas de que temos conhecimento, o "místico" sempre teve um lugar de destaque (contestado, na maioria das vezes...). Nas civilizações andinas pré-colombianas, a civilização grega e seu politeísmo, com o registro de sacrifícios humanos para a purificação ou mesmo manutenção de um "corpo social" saudável e produtivo.

Os exemplos acima são do período antes de Cristo (a/c). Essa divisão tão banal que carregamos em nosso calendário, que marca nosso "tempo", marca também nossos corpos. Os anos que se inauguram depois de Cristo (d/c) são de predomínio monoteísta, com um Deus externo à nós ao qual devemos a nossa própria criação. São mais de mil anos de hegemonia de ideias como a de que nossos corpos estão aqui na terra para aprender a ser um "espírito iluminado", com passagem garantida para o reino de Deus, caso se cumpra os mandamentos por Ele estipulado. Os rituais ascéticos, observados em várias religiões, que incluem autoflagelo, jejum, abstinências, são manifestações da negação do corpo biológico, expressam em sentimentos de culpa pelos "desvios" morais praticados (afinal, a carne é fraca!), que marcam bem a visão dicotômica corpo/alma.

Assim sendo, nossos corpos biológicos seriam como prisões, e o ambiente natural (e toda a "natureza" presente em nossos corpos) deveriam ser negados, pois seriam impuros. Como exemplo temos os impulsos sexuais e de agressividade, encontrados como comportamentos naturais de autopreservação em boa parte das espécies existentes no planeta, mas que são vivenciadas com mui-

ta culpa pela espécie *Homo sapiens*. A "humanidade" define normas morais e o controle exercido pela sociedade deixa marcas em nossos corpos biológicos, e não é à toa.

O controle da sexualidade e da violência possibilita a disciplina que Foucault (1976) descreve como uma técnica de gestão dos homens, de exercício de poder, com o intuito de controlar suas multiplicidades, utilizá-las ao máximo e majorar o efeito útil de seu trabalho e sua atividade, graças a um sistema de poder suscetível de controlar esses homens, com o olhar hierárquico, e sanções normalizadoras. As instituições lançam discursos sobre o que é permitido ou não, legitimando os possíveis espaços onde essa energia possa ser vivenciada "corretamente" (por exemplo, nas igrejas: sexo só depois do casamento; lutas: só dentro de *rings*). Dessa forma, Albuquerque (2005, p. 19) afirma que

através dos tempos e das sociedades que se organizaram, o corpo não só se construiu como possível e passivo espaço de dominação social e se representou sob diversas formas e identidades, mas também se apresentou como uma dinâmica fonte geradora de ideias e estados somáticos capazes de realizarem grandes transformações na sua história.

Como sabemos, a transição entre as formas de se pensar que se pretendam hegemônicas não acontecem em harmonia. Especificamente sobre a passagem entre politeísmo e monoteísmo se deu em meio a muita violência e repressão, assim como a sua manutenção durante todos esses séculos³. Tanta repressão, em algum momento "explode". A era medieval, que dominava a forma de pensar o mundo, de produzir conhecimento foi aos poucos sendo substituída pela ciência, com suas pretensas verdades absolutas, universais e irrefutáveis, graças ao caminho, que até hoje se pensa de infalível, o método científico.

O contexto histórico é fundamental para que se entenda as mudanças que acontecem, e embora saibamos que não se possa creditá-las apenas à nomes específicos, para a epistemologia das ciências podemos identificar uma tríade que, em meados do século 17 inauguram a Ciência Moderna, na verdade, o nascimento da Ciência como a conhecemos hoje. Vamos conhecer um pouco do

que três autores, cujas ideias são consideradas pilares da ciência moderna, escreveram.

Francis Bacon propunha uma ciência neutra, na qual os objetos iriam dizer as suas verdades, com o auxílio da experimentação, e não o homem através da contemplação (filosofia Escolástica, predominante até então). Para ele, o conhecimento científico só poderia ser alcançado quando o homem eliminasse, “com serenidade e paciência, os hábitos pervertidos já profundamente arraigados na mente” (BACON, 1984, p. 4). Hábitos que ele chama de Ídolos. Para ele “os ídolos e noções falsas que ora ocupam o intelecto humano e nele se acham implantados não somente o obstruem a ponto de ser difícil o acesso da verdade, como [...] poderão ressurgir como obstáculo à própria instauração das ciências [...]” (Aforismo XXXVIII). *Ídolos da Tribo; Caverna; Foro e do Teatro*, são os quatro ídolos que “bloqueiam a mente humana” (Aforismo XXIX). Eles relatam formas e níveis de influência da cultura sobre o homem, impedindo seu avanço sobre a verdade.

Para o artigo convém destacar os ídolos da Tribo e da Caverna, pois são inerentes, respectivamente, ao espírito humano e ao próprio indivíduo. No primeiro o problema está em residir preconceitos, sentimentos, por isso ser instável e limitado (não condiz com a verdade absoluta que se busca); já no segundo está em corromper a luz que emana da natureza “...seja devido à natureza própria e singular de cada um; seja devido à educação ou conversação com os outros; seja pela leitura dos livros ou pela autoridade daqueles que se respeitam e admiram; seja pela diferença de impressões...” (Aforismo XLII). O nosso corpo é imperfeito, pois sente, subjetiva e singulariza suas impressões do mundo, que para Bacon é objetivo e eterno.

Como podemos ver, o corpo humano é “humano demais” para explicar o mundo à sua volta. Nossos sentidos são falhos, e nossos julgamentos parciais.

Na verdade, os sentidos, por si mesmos, são algo débil e enganador, nem mesmo os instrumentos destinados a ampliá-los e aguçá-los são de grande valia. E toda verdadeira interpretação da natureza se cumpre com instâncias e experimentos oportunos e adequados, onde

os sentidos julgam somente o experimento e o experimento julga a natureza e a própria coisa. (BACON, 1984, Aforismo L)

Com René Descartes, autor da celebre frase *Cogito ergo sum* (Penso, logo SOU), se demarca bem o pensamento sobre o corpo que vai se instalando. Para ele, o corpo físico (*Res Existensa*) deve ser separado da alma (*Res Cogitans*).

ao analisar com atenção o que eu era, e vendo que podia presumir que não possuía corpo algum e que não havia mundo algum, ou lugar onde eu existisse, mas que nem por isso podia supor que não existia; e que, ao contrário, pelo fato mesmo de eu pensar em duvidar da verdade e das outras coisas, resultava com bastante evidência e certeza que eu existia; [...] compreendi, então, que eu era uma substância cuja essência ou natureza consiste apenas no pensar, e que, para ser, não necessita de lugar algum, nem depende de qualquer coisa material. De maneira que eu, ou seja, a alma, por causa da qual sou o que sou, é completamente distinta do corpo (DESCARTES, 1979, p. 75... grifos nossos).

No livro *Meditações sobre Filosofia Primeira*, Descartes (2004) distingue o que pensa sobre corpo, alma e ainda de que forma se relacionam. É um texto interessante, pois ele transcreve o percurso de questionamentos que se fazia em busca de suas verdades. Sobre a mente, dizia que “... nada sou, pois, falando precisamente, senão uma coisa que pensa, isto é, um espírito, um entendimento ou uma razão...” (Meditação Segunda, § 7). Já sobre o corpo, conclui que “... só concebemos os corpos pela faculdade de entender em nós existente e não pela imaginação nem pelos sentidos (Meditação Segunda, § 18). É importante destacar que para Descartes a imaginação não é uma faculdade intelectual, apenas o pensamento guiado pela razão tem esse honra.

Considera “o corpo do homem como uma máquina, de tal modo construída e composta de ossos, nervos, músculos, ceias, sangue e pele” (Meditação Sexta, § 31), e como sendo criada por Deus. Nesta relação, a razão era vista como superior, da qual todos eram dotados. Mas acreditava que não se conseguia chegar à verdade absoluta pelo uso incorreto da mente, e propôs então O método, almejando libertar os pensamentos das características

sutis. Ao corpo estava relegada a função de obedecer às regras e comandos da razão, já que é da natureza do homem ser composto de espírito e corpo.

O pensamento Racionalista, com a razão predominando na construção do conhecimento científico, já era bem aceito quando os escritos de Augusto Comte foram lançados. Em seu livro "O discurso sobre o Espírito Positivo", publicado em 1848, pretendia instaurar uma ordem ao avanço da consciência e da razão humana, aplicando o método científico predominante (respaldado pelas ciências "exatas, duras") à sociedade, e o caminho para esta ordenação social estava na educação de massa.

A razão humana passou a ser considerada o centro, e o natural, algo a ser objetificado e dividido para que com seu domínio se chegasse ao 'progresso da humanidade'. À luz desse contexto histórico percebemos que toda essa fragmentação do conhecimento se materializa no processo de disciplinarização, tanto dos conceitos científicos como do "corpo humano". Nossa forma de organização dos conteúdos e de construção de conhecimento ainda segue essa lógica, propõe uma forma mecanicista de ver e se relacionar com o mundo, com a mente comandando uma máquina, que é o corpo humano. Basta nos lembrarmos das analogias feitas no ensino básico, com a justificativa de que entenderemos melhor como nosso próprio corpo funciona: o pulmão comparado ao fole, o coração a uma bomba, o cérebro é o computador que processa as informações, e por aí seguimos, maquinizando nossas relações, sempre buscando referências fora da nossa percepção de si.

Era uma tentativa de ruptura com o domínio do pensamento metafísico, e o sujeito passa a ser ele também objeto, e em relação ao corpo, só se reforça a visão de fragmentação já presente em civilizações pré-cristãs, apenas se utilizando de outros argumentos para o domínio dos aspectos naturais. Não é simples superar as ações eclesásticas e cartesianas, que durante séculos se voltaram a fragmentar o mundo e o corpo, no intuito de conhecê-lo para dominá-lo, em que o conhecimento científico racionalista prevaleceu/prevalece sobre a subjetividade.

Quando pensamos no ensino básico, em sua estrutura curricular, é sobre as disciplinas escolares de ciências e

biologia que recai a responsabilidade de se trabalhar (conceitualmente) o corpo humano. Nesses espaços o que se verifica é um reflexo de toda essa história, presente no esquarteramento do corpo, tanto separado nas disciplinas, quanto desconsiderado como parte integrante de um indivíduo (o aluno não é só uma mente cognitiva que apreende informações). Adad (2004) nos lembra que na verdade, conhecemos algo é com o corpo inteiro, que é multirreferencial, usando todos os sentidos (cheiros, sons, olhares, toques...). São apenas cinco os nossos sentidos? Estariam eles encerrados em seus respectivos órgãos? Há gosto no cheiro? Música nos olhares? Sabores nas cores? Nos toques? Se toque!

Mas logo no início do século XX o mundo dá pistas de que a sociedade "ordenada e iluminada" ainda demonstra traços de barbárie, com as grandes guerras mundiais que se deflagram, e se reflete no meio acadêmico. Fica claro também a não neutralidade na produção de conhecimento pela ciência, quando avanços são alcançados se utilizando como "objetos de estudo" os "corpos com almas inferiores" dos judeus presos na Alemanha, no julgamento de Hitler. E a ciência, enquanto prática social reverbera esse discurso.

Começamos citando Gaston Bachelard, especificamente a obra "Formação do Espírito Científico", lançado em 1938, que fala sobre os obstáculos epistemológicos que impedem a ciência de progredir, que diferente dos ídolos de Francis Bacon, esses estão dentro da gente, não fora. Um desses obstáculos, relevante neste artigo, é do Conhecimento unitário e pragmatismo, quando se tinha a crença de uma unidade harmônica do mundo (reinos animal, vegetal e mineral). No corpo humano ainda se demonstra esse pragmatismo ao eleger funções únicas e definitivas para as partes de corpo (exemplos: *ouvido serve para escutar*, desconsiderando-se sua participação no equilíbrio e orientação geográfica), e assim aquele corpo do período racionalista cartesiano, que buscava romper com a ideia de Um Deus, acabava por se aproximar, pois essa máquina perfeita que era o corpo humano trazia consigo a necessidade de alguém pra dar a partida, acionar o botão.

Os discursos existentes em nossa sociedade ainda reforçam o pensamento moderno, mas como Foucault (2006)

nos diz, existe uma instabilidade entre as diversas instâncias que permitem que sempre se esteja a construir novos discursos. Como exemplo, temos os discursos proferidos por Ilya Prigogine e seus colaboradores, que ao descrever o Princípio da Incerteza e as Estruturas Dissipativas “materializam” em nível molecular todas as discussões subjetivas sobre pontos a se romper no paradigma moderno. Enfatiza que

assistimos ao surgimento de uma ciência que não mais se limita a situações simplificadas, idealizadas, que nos põe diante da complexidade do mundo real, que permite que se viva a criatividade humana como a expressão singular de um traço fundamental comum a todos os níveis da natureza (PRIGOGINE, 1996, p. 14)

As dualidades já não dão conta de explicar o que vivenciamos, razão e emoção, corpo e alma não são os únicos caminhos, nem tão pouco opostos. E para Prigogine, ao contrário do que sempre se buscou nas ciências, a vida só é possível num universo longe do equilíbrio, onde a atividade humana criativa e inovadora, que não é estranha à natureza, possa criar múltiplos caminhos possíveis. O corpo humano da ciência moderna se assemelha à um autômato, que segue regras predeterminadas para um futuro também predeterminado. O corpo humano deste outro paradigma, que se diz emergente, é percebido como auto-organizado, em constante interação com o meio, rico em possibilidades, como nos diz Maturana (1995), que somos responsáveis pelo que acontece conosco, somos seres determinados pela nossa estrutura, que por sua vez está em constante relação com o meio, se modificando nessa relação.

Outro autor contemporâneo que nos fala de corpos é Michel Foucault, que, diferente de Descartes, diz que o corpo não é algo fixo, dado pela natureza. Ele existe na história, é constantemente produzido, é uma “superfície de inscrição dos acontecimentos (enquanto que a linguagem os marca e a ideias os dissolvem), lugar de dissociação do EU (que supõe a quimera de uma unidade substancial) volume em perpétua pulverização” (FOUCAULT, 1998, p. 15). A busca por uma “essência do humano” não chegará a uma resposta, pois o corpo é investido de historicidade. Os dispositivos institucionais

vão inscrevendo em nossos corpos marcas, produzindo modos de subjetivação. Foucault (2010, p.16), diz que “o meu corpo é como a Cidade de Deus, não tem lugar, mas é de lá que se irradiam todos os lugares possíveis, reais ou utópicos”, o corpo é ele mesmo uma construção social, histórica, cultural. O corpo é dito.

Somos inventados?

Membros...

Abram as portas das suas casas, deixem os ladrões entrarem
eles vão tentar levar tudo que puderem
e você vai ficar cansado, e também muito triste,
e vai caminhar por aí
pensando em seus próprios passos... flutuantes!
com aquela vontade de sumir, progressivamente
e você se vai...vai... e você se vai...vai
desaparecendo aos poucos e depois voltando à
realidade
o nada
daí, quando você tiver a certeza de que não possui mais nada
e que até a sua própria dor não lhe pertence mais
talvez, em algum momento você se livre desses pensamentos
e se sinta começando, renascendo, solitário
tendo em vista um novo momento
então...
abram as portas das suas casas, deixem os ladrões entrarem
eles vão tentar levar tudo que puderem...

Fernando Catatau⁴

Hoje vivemos uma estreita relação com os adventos tecnológicos, não mais como ferramentas, e sim como uma extensão de nosso próprio corpo (óculos de grau, marca-passo, braços/pernas mecânicas) e indo além, estendemos virtualmente nossa vida, nossas relações, nas várias redes sociais que nos possibilitam uma vida paralela, mas nem por isso menos real. O filme “Transcendence⁵” nos põe a pensar numa outra possibilidade (um pouco assustadora) de superação da tecnologia. O corpo biológico volta a ser percebido como um estorvo (se é que deixou de ser), pois é limitado, adocece, fenece. Liberdade para a mente ser eter-

na poderia vir, por exemplo, através de um *upload* para o computador. Ou seja, até a única certeza (a morte, proferida pelo ditado popular) está pra nos ser tirada? As ideias seculares de René Descartes mais vivas do que nunca...

A ideia de um 'ciborgue' (mescla de humano e máquina) nos remete à filmes de ficção científica, mas para Kunzru (2013, p.23) ele está bem vivo, "a era do ciborgue é aqui e agora, onde quer que haja um carro, um telefone... não tem haver com quantos bits de silício temos sob nossa pele ou com quantas próteses nosso corpo contém". Tem haver com o fato de olharmos à nossa volta e percebermos que a tecnologia "não existiria sem a ideia do corpo como uma máquina de alta performance".

Busca-se um corpo-padrão-perfeito, nas redes sociais fervilham egóicas fotos de corpos orgulhosamente transformados, seja pela atividade física, seja por processos cirúrgicos, ou uso de "alimentos" artificiais (a propósito, por que é tão difícil querer fazer atividade física? Quando surgiu a necessidade de um tempo específico para movimentar o corpo? Será que em comunidades tradicionais há esse tempo? Ou o movimento acontece durante todo o dia? Com os cuidados de suas próprias necessidades e das necessidades coletivas?).

Toda essa corrida pela perfeição fomenta (ou é ela fomentada?) avanços tecnológicos no qual se observa "de um lado, a mecanização e a eletrificação do humano; de outro, a humanização e a subjetivação da máquina" (TOMAZ TADEU p.12). O autor ainda complementa nos chamando atenção para um fato irônico, "a existência do ciborgue não nos intima a perguntar sobre a natureza das máquinas, mas, muito mais perigosamente, sobre a natureza do humano: quem somos nós?" (Idem, p. 11). Se olharmos para homem/máquina, como mais uma dualidade, assim como toda dualidade não se encerra nos pólos, e nem são opostas. Essa é uma realidade de múltiplas possibilidades! Assusta, pois nos faz questionar, "nos estimula a repensar a subjetividade humana; sua realidade nos obriga a deslocá-la" (Ibidem, p. 13). Pra onde?

Com as inúmeras modificações que são feitas, ao não aceitar seus corpos, ao querer se destacar, ser diferente, personalizar-se em um mundo padrão, global, virtual-

mente (e realmente) pequeno, os corpos são encarados como espaços de criação e demonstração de arte (corpos esculpidos, desenhados, adornados). Ortega (2008, p. 13) encara "o que se vem chamando de culto ao corpo", com um paradoxo "de que o aumento de controle atenção sobre o corpo produz uma maior incerteza sobre ele". E você, leitor, está satisfeito com seu corpo? O que mudaria nele? E por quê? Quem inventou o argumento que sustenta essa vontade?

E aí? Sabemos quem somos? Nós queremos perceber essa rede capilar de poder da qual participamos, que criam discursivamente nossas necessidades e vontades? Ou preferiremos o espaço "seguro" possibilitado pelo benefício da ignorância? O conhecimento científico nos possibilita sapiência? Em que difere um sábio de um ignorante? O que é o "eu"? Se somos permeados por outros, constituídos por outros, quem sou eu? Se não outros? Se não a "digestão" de todos os outros? Seremos esses corpos "loucos, dementes, feios", que não se encaixam nos discursos proferidos pela maioria? Ou construiremos outros discursos, no qual as múltiplas possibilidades possam ter voz? Nosso corpo, nossa casa?

Quem é você!? Este corpo é seu!?

Você decide! Decide?

Notas

1 Banda: Cidadão Instigado/ Música: Você e eu/ Álbum: O Ciclo Da Dê.Cadência, lançado em 2002

2 Banda: Cidadão Instigado/ Música: O verdadeiro conceito de um preconceito/ Álbum: O Ciclo Da Dê.Cadência, lançado em 2002

3 Sobre esse tema sugiro o filme *Ágora*, lançado em 2009, sob direção de Alejandro Amenábar.

4 Banda: Cidadão Instigado/ Música: O nada/ Álbum: UHUUU, lançado em 2009.

5 Filme lançado em 2014, sob direção de Wally Pfister.

Referências Bibliográficas

ADAD, Shara Jane Holanda Costa. Pesquisar com o corpo: princípio sociopoético. In: MAGALHÃES JUNIOR, Antonio Germano; VASCONCELOS, José Gerardo. (Orgs.) **Corporeidade**: ensaios que *envolvem* o corpo. Fortaleza: Editora UFC, 2004.

ALBUQUERQUE, Maria de Fátima M. De Albuquerque; BRANDÃO, Izabel. Corpo, Arte e Ensino de Ciências: visões interdisciplinares. In: BRANDÃO, Izabel. (Org.) **Corpo em revista** olhares interdisciplinares. Maceió: EDUFAL, 2005.

BACON, Francis. **Novum Organum ou Verdadeiras indicações acerca da interpretação da natureza; Nova Atlântida**. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1984 (Os Pensadores).

CALVINO, Ítalo. **Palomar**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

DESCARTES, René. **O discurso do método**. Lisboa: Edições 70, 1979.

DESCARTES, René. **Meditações sobre Filosofia Primeira**. (Trad.) CASTILHO, Fausto. Campinas: Editora da UNICAMP, 2004.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Rio de Janeiro: Loyola, 2006.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. (Org. Trad.) MACHADO, R. 16. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

FOUCAULT, Michel. **El cuerpo utópico** - heterotipias. 1. ed. Buenos Aires: Nueva Visión, 2010.

KUNZRU, Hari. Você é um ciborgue: um encontro com Donna Haraway. In: TOMAZ TADEU (Org.). **Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano**. 2.ed. 1.reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

MATURANA, Humberto. Uma nova concepção de aprendizagem. Belo Horizonte: Revista **Dois Pontos**, Outono/Inverno, 1995.

NAJMANOVICH, Denise. Pensar/Viver a corporalidade para além do dualismo. In.: GARCIA, Regina Leite (Org.). **O corpo que fala dentro e fora da escola**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

ORTEGA, Francisco. **O corpo incerto: corporeidade, tecnologias médicas e cultura contemporânea**. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

PRIGOGINE, Ilya. **O fim das certezas: tempo, caos e as leis da natureza**. São Paulo: Ed. UNESP, 1996.

TOMAZ TADEU. Nós, ciborgues: o corpo elétrico e a dissolução do humano. In: TOMAZ TADEU (Org.). **Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano**. 2.ed. 1.reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

Recebido em 09/04/2015.

Aceito em 20/05/2015.

